


OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

TRIBUNA de Coimbra

A palavra do Senhor que ontem recebemos no Altar foi a das aves do céu e a dos lírios do campo. Havia sido um dia de corrida, de recados, de choques. Que bem me soube, no fim dum dia tão agitado, aquela palavra de confiança!

O mundo de hoje não entende, nem quer entender estas coisas. Porque não quer entender, também não quer aceitar. Olhai — diz-nos o Senhor. Mas nós não queremos olhar. Preferimos caminhar às cegas. Metidos no mundo de cada um de nós. Mundo que nós próprios constituímos:

Os grandes centros. As grandes empresas. Os grandes amontoados. As grandes cidades. Os grandes ordenados. As grandes fortunas. Os grandes empregos. Tudo grandeza.

Há igrejas sem sacerdote. Há hospitais e concelhos inteiros sem médico e sem enfermagem. Há escolas sem professor. Há casas de crianças sem pessoal. Há recolhimentos de velhinhos sem quem ajude. Há filhos sem pais. Há dores que não encontram socorro.

Há colégios a fechar por não terem alunos. Há professores a bater à porta dos colégios de cidade a pedir aulas. Há sacerdotes nas cidades a mendigar umas aulinhas e capelanias em casas religiosas. Há muitos desempregados numa sociedade que luta à procura de braços. Há montes de «cuphas» a rodear os grandes.

CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA

Não pode parecer que o Cristianismo dimane duma Pátria, dum grupo — ele é universal e vem de Deus. E pode parecer aos olhos dos nativos, que não compreendem bem e são levados naturalmente a fazer os seus juízos pelas aparências. E as aparências, neste caso, favorecem a ilusão. Se estas aparências não afectam o fundamental — são reais quanto à dependência económica; e, limitam aquele, embora favoreçam o aparato. Chamo aparato ao potencial económico que o Estado põe à nossa disposição para a pregação do Evangelho. Iludidos com ele, embaciamos a pureza evangélica da mensagem.

Nasceu este apontamento:

Há dias um grupo de evangélicos veio ter comigo e entregou-me o produto duma cotização entre eles para a construção da sua capela. «Traga-nos as chapas e a madeira». Sentem que a capela é deles, para o seu culto. Os católicos, nesta zona, não. Esperam que o seu Bispo, os missionários ou administradores façam. O catolicismo para eles é qualquer coisa de fora e unido aos poderes temporais.

xxx

Do que nos tens dado há muito que não dou notícias. Dás, meto ao bolso... e, como este tem muitos buracos, lá se some. Não tenhas medo que o Senhor não esqueça e acompanha os teus gestos — amorosamente.

Continua na QUARTA página

Malanje

Cantinho dos Rapazes

Nos últimos dias tive o mimo de vários cânticos de louvor a alguns de vós. Que contente a gente fica! É o nosso prémio! É o nosso lucro! É a mais saborosa de todas as compensações!

Um destes regalos foi por carta de uma Mãe. Não resisto a dar-vo-la a conhecer — para vossa satisfação, sim; mas, sobretudo, para estímulo de todos nós.

«... Aproveito a oportunidade para vos comunicar a alegria que sinto pelo facto de meu filho ter como colega no Liceu, um «gaiato do Padre Américo». Tanto eu como meu marido temos sempre a preocupação de saber quais são os companheiros dele e, se o colega é filho do senhor fulano que é muito rico, etc. etc., o cuidado redobra. Soubemos que o nosso filho acompanhava um colega de quem gostava muito. Conversámos com ele e perguntámos quem ele é; e meu filho responde: «não se preocupem, o meu colega é gaiato do Padre Américo». Não podia a resposta ter sido mais feliz pois sei que ambos serão companheiros ideais, óptimos colegas e amigos pela vida fora. Que Deus os ajude».

Temos a considerar nesta carta vários pontos, alguns dos quais não são tão correntes como era de desejar:

1.º — A confiança em nós — Ainda hoje, corrigindo provas do «Viagens», lia em Pai Américo afirmações que, se não brotasses da Verdade, pareceriam auto-elogio. Mas brotavam! Por isso ele as proferia com tamanha simplicidade — o que pode resumir-se nestas palavras: «O mundo acredita em nós».

Quantas vezes constatámos esta realidade! São as nossas Festas... São os nossos visitantes... É a geral aceitação que todos nós prestam...

Se estes Pais não alinhasssem nesta geral confiança, donde a sua alegria «por o meu filho ter como colega, um gaiato»?!

2.º — A necessidade de comunicar — Bem podia esta Mãe ter tal alegria e guardá-la para si. Mas não. Ao pagar a sua assinatura, «aproveita a oportunidade para comunicar...». É

Cont. na SEGUNDA página

Aqui, LISBOA

Insistimos em apresentar-vos as nossas lutas e dificuldades. As preocupações que tanto nos têm afligido ultimamente devem ser comunicadas aos nossos Amigos, para que nelas tomem parte. A amizade e estima mútuas demonstram-se essencialmente nas horas difíceis. Por outro lado, sendo a Obra de todos nós, embora com funções diversas, a todos cabem responsabilidades.

Para a linha de alta tensão, orçamentada, como sabeis, em 103 contos, acaba a Câmara de Loures de nos dar 20. Embora esperássemos mais, não podemos deixar de registar o facto. Quando nos preparávamos para iniciar este escrito, um Casal, acompanhado dos Filhos, entregou-nos discretamente 5 mil escudos para a instalação eléctrica; poucos instantes depois, um ex-colega, com a Esposa e três dos seus rebentos, depositou nas nossas mãos pecadoras a importância de 5.250\$00, sobran-te dum jantar de confraternização realizado na véspera, da classe dos Regentes Agrícolas, a que temos muita honra de pertencer, embora, é claro, as nossas preocupações sejam hoje naturalmente diversas. O nosso sentido bem-hajam. E entretanto, deve estar a chegar o transformador e os apetrechos indispensáveis à cabina eléctrica, também já aqui referidos e orçados à volta de 60 contos.

As obras continuam e os calos nas mãos dos Rapazes não faltam; dos mais pequenos aos maiores, à maneira de «como quem brinca», vão-se forjando os alicerces duma nova casa, de futuro mais promissor para os mais novos e os vindouros. Só os pequeninos estão dispensados e vivem entregues às brincadei-

Cont. na SEGUNDA página



No dar a mão ao mais pequenino há um mundo novo — o do Amor.

PELAS CASAS DO GAIATO

CALVÁRIO

CONSIDERANDO... — O caso vai-se repetindo como aconteceu naquele Domingo. Queremos, por isso, chamar a atenção de quem nos visita.

Junto a um muro nas imediações da entrada do Calvário estavam alguns componentes de uma excursão.

Entre eles, havia quem tocava violão e outro instrumento.

Fiquei com a impressão, ao passar por acaso, junto do músico, existir algo que «puxava» o cantarolar dos excursionistas.

Para bom entendedor basta referir estarmos numa região onde se cultiva e vende o tão apregoadado «vinho verde»...

Os grupos assim organizados quase sempre usam o processo de virem até nós depois de andarem não sabemos por onde. Nem temos nada com isso. Mas se a intenção é fazer deste meio um simples passeio...

Não foi assim para esta excursão, nem para outras. Não está, não pode estar nada bem, que venham divertir-se com brincadeiras de muito mau gosto! Queremos visitas — e não «fitas».

Nós desculpamos, na medida do possível. Acreditamos que entre tanta gente assim agrupada tem forçosamente de haver quem leve esta visita como que entrando num Templo.

Nós, então, somos uns «santos»? Não! Temos os nossos defeitos e fracassamos muitas vezes. Mas não é para os encobrir que tomamos as

Aqui Lisboa

Continuação da PRIMEIRA pág.

ras, como é justo. De resto, pensamos que a vinda até nós de muitos jovens, vivendo refastelados e à margem de quaisquer preocupações, no desprezo dos trabalhos e sacrifícios dos pais, aliás, muitas vezes por culpa destes, muito útil lhes seria, pelo confronto de vidas. O trabalho sempre dignificou o Homem e o ajudou a vencer as suas próprias limitações e misérias. Pena é que tantas vezes se tenha de pedir às crianças inocentes esforço talvez inadequado à sua idade para terem ao seu dispor aqueles meios que o Mundo não lhes fornece e a que têm direito inalienável. É e será assim a vida dos Pobres enquanto a Justiça e o Amor não reinarem entre os homens.

Padre Luiz



medidas mais convenientes, especialmente aos Domingos, para evitar «barracas» de feira nas enfermarias, muito principalmente. Desviamos o «turbilhão» para outra entrada. Não fechamos tudo! Há sempre uma «Porta Aberta»!

Animados do desejo de vermos respeitado este meio pretendemos somente compreensão para com os doentes. Muitos deles, nunca tiveram carinhos enquanto andaram no meio da sociedade...

Por isso é bom, para quem vem e para os que estão, se use um pouco de compreensão. Foi o que fizemos naquele dia.

Quanto aos amigos que nos querem estimular e honrar com as suas visitas em pequenos grupos ou pequenas ajudas, para tirar dores de cabeça ao nosso Padre, verão que não é com barulho que se visita este recanto da Obra.

Manuel Simões

Paço de Sousa

VISITANTES — Como é habitual, temos sido visitados por muitos amigos. Principalmente aos domingos, vêm-se nas ruas da nossa Aldeia muitas pessoas acompanhadas de cicerones que mostram a nossa Casa.

Este ano a romaria de S. Simão, em freguesia vizinha, trouxe até nós uma multidão de gente, idêntica à dos anos anteriores.

Ainda bem. Não se esqueçam de nos visitar! Temos os portões abertos. Aliás, nós «somos a porta aberta».

TIPOGRAFIA — As aulas tecnológicas, em relação aos anos anteriores, continuam na senda do progresso. Têm melhores métodos. Portanto, a nossa formação profissional é mais proveitosa. De cada ano vamos experimentando métodos e técnicas mais eficazes. Aliás ninguém nasceu ensinado...

— Aguardamos a todo o momento a chegada de acessórios da Monotype necessários para substituímos os tipos «cabeça de prego» (já quase inutilizados). Um investimento de 80.000\$00. Já não era sem tempo!

— As obras na tipografia continuam. Foram colocadas grades de ferro, para envidraçar a divisão que separa a secção MONOTYPE da sala de aulas teóricas de tecnologia.

— O livro «Viagens» vai a caminho. Será uma obra que não deixará ficar mal os tipógrafos que intervêm na sua impressão. Quem estiver interessado, vá já marcando posição para ficar na ordem. Mais vale prevenir que remediar.

VINDIMAS — Terminaram há duas semanas. E com resultados compensadores. Graças a Deus tivemos muito vinho. E não houve mais prurido que o tempo não permitiu.

OBRAS NA ALDEIA — As obras no depósito da água estão em andamento.

Esperamos que o trabalho seja recompensado com o regular abastecimento do precioso líquido à nossa Aldeia.

— Um dos problemas mais sérios que se tem vindo a pensar, desde há anos — é precisamente a nossa

cozinha. Estão a fazer um estudo para remodelação do sector mais difícil da nossa Aldeia. Grandiosa obra, proveitosa, indispensável.

E parece que vamos ter fogão a gaz...! Uma limpeza radical!!

Cantinho dos Rapazes

Cont. da PRIMEIRA página

a essencial comunicabilidade do Bem. É o Bem a irradiar e a reflectir-se sobre nós, que também para estes Pais somos causa de alegria!

3.º — A preocupação de saber quais os companheiros dos filhos — São assim os Pais a valer! E, infelizmente, há muitos (e sempre terá havido...!) que não o são! Que não se preocupam com os companheiros dos filhos; nem sequer com a escolha do par, quando chega a idade do casamento.

Eu fico muito tranquilizado quando os Pais das vossas namoradas, ao notarem que a coisa tem cariz de ir para diante, nos vêm perguntar de vós. É que eles estão a jogar certo connosco, que também nos preocupamos por saber quem elas são!

4.º — A preferência pelos filhos de Algo que vós sois, sobre a fidalguia relativa, arbitrária, que o mundo atribui. Ora aqui, eu também me arrisco a parecer vaidoso, mas digo com a simplicidade da Verdade — confirmada pela experiência do contacto com vários meios sociais — que, por graça de Deus, vós sois mais sãos que a maioria da Juventude bem nascida.

E apetecia-me repetir infinitamente: graças a Deus, que é Bom; graças a Deus, que é Justo; graças a Deus, que é Luz e faz resplandecer as trevas que ilumina; graças a Deus, que põe o Reino dos Céus ao alcance dos pequeninos e humildes e esconde a Sua Face dos soberbos.

Sim, demos graças a Deus e continuemos humildes, isto é: verdadeiros.

5.º — Uma nota importante: a coincidência do filho com o critério dos pais: «Não se preocupem, o meu colega é gaiato do Padre Américo».

Oxalá jamais, este Rapaz tenha ocasião de se escandalizar com um de vós.

E eu junto o meu desejo ao desta Mãe: «Que ambos sejam companheiros ideais, ótimos colegas e amigos pela vida fora».

E peço a Deus mais este dom: Que vos depare na Escola, no Trabalho, na vida militar..., companheiros desta sorte, cujos Pais sejam capazes de partilhar convosco o amor que naturalmente têm aos seus filhos, a confiança que, justamente, neles depositam.

MUDANÇAS — Todos os anos, no começo do ano escolar, é habitual a admissão de gente nova em nossas oficinas. Depois de cumprirem um ano em obrigações caseiras ou domésticas, decidem — maduramente — a sua vocação. E sobem mais um degrau na escada da vida.

Vamos aprender a ganhar, honestamente, o pão nosso de cada dia. É uma obrigação de todos.

REGRESSO — O «Tim-Tim», que tinha fugido, ludibriado pelo «Banana», regressou. Foi apanhado por um polícia em Cascais. E, como é velha tradição, veio pelo seu próprio pé.

Está connosco. Isso é que interessa. Se ele quiser, poderá recuperar-se. E ser um Homem. Vamos lá «Tim-Tim»!

Henrique Ribeiro Fernandes

BENGUELA

FUTEBOL — Houve, no passado dia 8, eleições para o sector desportivo da nossa Casa.

Participou a malta de 14 anos para a frente. Antes de principiar, Sr. Padre Manuel disse-nos umas palavrinhas breves, mas de muito interesse; disse-nos para escolhermos três rapazes que fossem capazes de tomar conta dos seguintes cargos: Adjunto de treinador (porque Treinador, o Sr. Padre arranhou uma pessoa da nossa cidade), Director e Secretário.

As eleições começaram, e cada um registou num papel três nomes, com os respectivos cargos. Começaram logo as gracinhas... Não sei se pela parte dos mais pequenos, ou dos maiores. Dos pequenos talvez não; mas talvez um ou outro dos médios mais engraçadinho. Toda a malta riu com a leitura de vários nomes; mas eis a coisa sem graça nenhuma — tratava-se de uma coisa séria. Foi pena alguns levarem tudo para a brincadeira.

Mas, enfim, vamos ao resultado das eleições:

Director — Foi eleito o Armando Barros, com 11 votos; «Presas» com 10 e Aleixo com 7.

Secretário — Aleixo com 13 votos; seguido de José Luis, com 6 e «Presas» com 4.

Adjunto do Treinador — Armando Barros com 14 votos; «Presas» com 10 e Aleixo com 4 votos.

Por isso, a partir do dia 8/10/72, Aleixo como Secretário, Armando Barros como Director e Adjunto do Treinador, são os responsáveis pela secção desportiva. No caso de ausência de um deles, fica outro conforme os votos indicados.

RINQUE DE PATINAGEM — Está em construção. Mas ainda não temos patins, nem equipamento para a modalidade! Desde já ficamos agradecidos a todas as equipas de Angola, que tenham patins velhos, que ainda sirvam para andar e não lhes façam falta. Pedimos o favor de no-los enviarem. De Benguela ou Lobito, se não custar muito, podem cá trazer, ou telefonar, para o 2266, para os irmos buscar. Das outras terras, enviem para a Caixa Postal 820 — Benguela; recebê-los-emos com muito prazer.

Desde já um muito obrigado para todos.

Zé Luis Pinheiro

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

UM CASO — Era um homem doente. E durante muito tempo sem grandes forças para trabalhar. Boiámos-lhe a mão, de muitas e variadas formas, motivando-o a promover-se com toda a liberdade. Um caso até certo ponto difícil na medida em que, digamos, casara precipitadamente — atendendo à precária saúde de ambos.

O moço, sério, receptivo, ouvia-nos, compreendia-nos — e agia de acordo com as necessidades. Procurou trabalho leve, na convalescença. Depois, mais apto fisicamente, mexeu-se. E admitiram-no ao serviço numa empresa pública, a dez quilómetros do domicílio. Fora a volta oficial que não anda longe dos 30 quilómetros diários. Arranjou, por isso, uma bicicleta de pedal. O seu meio de transporte, em plenas honras de serviço. Claro, isso exige-lhe muito esforço. Um dia, porém, aborrou-nos. Fizemos contas. E concluímos: porque não uma motoretta? Para não «sacrificarmos» demasiado os fundos da Conferência — e como manda a justiça — redigimos, então — em seu nome — uma exposição ao departamento d'acção social da sua empresa pedindo participação ou empréstimo — a descontar suavemente. Que não — foi a resposta. Por duas razões: não pertencer, ainda, ao quadro efectivo do pessoal e ter pouco tempo de serviço. É dos regulamentos...

Vamos, por isso, cruzar os braços? Não e não! Decidimos já suprir, dando as nossas mãos e dos leitores àquele homem, para serem menos escravizadas e mais rentáveis (para si, financeiramente) as oito horas de trabalho, palmilhando cerca de 40 quilómetros por dia! «Com a motorizada — afirma d'olhos arregalados — posso fazer serviço noutras bandas e ganhar mais». Aqui está... E com muita alegria d'alma vamos pôr-lhe na mão, discretamente, amorosamente, uma nota de 1.000\$00 — como primeira prestação do veículo, a liquidar da sua jorna, suavemente. Dois anos d'encargos!

O inverno está à porta... Ajude-mos a resolver mais este problema, fazendo nossas as dificuldades daquele homem.

DONATIVOS — Demos graças a Deus pela presença constante dos nossos leitores. Abre a assinante 17740 com a migalha do costume. Mais 20 dólares do Canadá. Mais 50\$00 «para os Pobres da nossa Conferência que tenho deixado tão esquecidos, com o pedido duma Avé-Maria». Aquele nossa é tão sublimel! Mais 250\$00 de uma viúva de Odvelas. Foi o que nos coube, da divisão da massa. Aqui vai, também, aquela heroína, de Contumil, com 52\$00 que são Fogo! E mais uma presença de Alvide — Cascais. Outros 250\$00 da assinante 31715 «em sufrágio da alma da minha Tia Filomena». Finalmente, 50\$00 de velha amiga de Ois da Ribeira.

Os donativos devem ser remetidos para a Conferência de Paço de Sousa — Jornal «O Gaiato» — Paço de Sousa.

Muito obrigado, em nome dos nossos Pobres.

Júlio Mendes

Novos leitores de «O Gaiato»

● NOVO LEITOR: MAIS UM ASSINANTE E AMIGO

Um novo leitor, normalmente, é mais um assinante e amigo. Nem vale a pena consultar a riquíssima história do «Famoso». Mas estar atento ao correio do seu dia a dia. Botem os olhos neste postal — tão simples e caloroso:

«Como já várias vezes tenho lido «O Galato», gostava de ser assinante do mesmo, visto eu lhe dar muito valor»...

Este amigo do Porto não acrescenta mais. Só a direcção: «a minha direcção é...».

Homem prático! Quem diria melhor — em tão pouco? Que nos perdoem os publicitários suas noites de vigília — para gerar frases de impacto. Esta, porém — livre como é — não violenta. Tão simples, como espontânea: «gostava... visto eu lhe dar muito valor».

Já lá tem o pequenino quinzenal, quinzenalmente à mesinha de cabeceira. É o seu, o nosso jornal. Um bocadinho de todos. E esse bocadinho faz força. Coesão. Bola de neve que supre quantos tombam no caminho — pela Mão de Deus.

Estou a olhar para aquele amigo do Porto, que agradece o jornal «venha futuramente em meu nome», porque «tem vindo em nome da minha falecida esposa». Assim como

aquele — entre tantos e tantas — esclarecendo que «esta assinante, minha tia, faleceu há cerca de dois meses, pelo que devem transferir a sua assinatura para a sua filha, de nome... para quem devem mandar o jornal».

A caminho do 30.º ano, «O Gaiato» permanece fixo ao sistema de vasos comunicantes. Trinta anos! Que voltas o mundo deu! O mesmo luzeiro! É assim a força da Graça de Deus. Não há outra. Esta é que vence — mesmo quando tudo parece desmoronar.

Agora, passa debaixo dos meus olhos pecadores, um singelo P. S.:

«Se possível, gostaria que o jornal, em lugar de vir para aqui, fosse para o Colégio de... aonde ficará durante o ano lectivo um dos meus filhos...»

Oh amor Maternal! Ninguém faria nem diria mais e melhor. Só as Mães são capazes de uma intuição assim.

Há dias, não muitos, li normas de um Secretariado de Catequese. Não dizem mais!

Pela mão de um filho, também passei a vista por um livro de Moral dos Liceus. Oportunidades transcrições do «Famoso!» Vasos comunicantes...

Os intelectuais andam aflitos — e muito bem! — a despertar massas cinzentas para as realidades do Espírito. Nada como

arrancar debaixo — com simplicidade e clareza. Eis o testemunho vivo de Pai Américo, do «Famoso» — seguindo o exemplo do Mestre!

● DE NORTE A SUL DO PAÍS

É um mundo de gente! Na frente segue Pedras Rubras. E Ovar com um valente grupo. Andam por lá verdadeiros incendiários! Continuamos de braços abertos a receber tudo e todos. Mais Folques (Arganil) e Carcavelos. E Monte Real, Grijó (Gaia), Matosinhos, Espinho várias vezes, Fânzeres (Gondomar), Caldas da Raíña, Mira, Valadares, Braga, S. Romão do Coronado e alto! Ouçamos um Casal de V. N. de Gaia:

«Bons amigos: Queremos ter a vossa «presença» no Lar que vamos fundar no dia... e como tal pedimos que nos considerem assinantes do jornal «O Gaiato» desde já. Enviamos, antecipadamente 200\$00, que são fruto do nosso trabalho.

Sabemos que não nos esquecerão nas vossas orações.

Os nossos cumprimentos Isabel e Valdemar.

«Queremos ter a vossa «presença» no Lar que vamos fundar». Oh amizade! Estes dois ministros do Grande Sacra-

cramento dão, aqui, uma valente lição. Por isso, vai uma saudação especial para os dois — Isabel e Valdemar.

Segue Águas Santas, Guimarães, Guia (Pombal), Castelo Branco, Alenquer, Barreiro, Coimbra uma data de vezes, Reboleira (Amadora), Almada, Minas de Argozelo (Vimioso), Bentre (V. N. Famalicão), Alhadas (Figueira da Foz), Regueira de Pontes (Leiria), Viseu, e Monforte — exultante: «Consegui mais um assinante para o nosso jornal «O Galato!»

● PORTO E LISBOA

Destas bandas vem uma grande procissão! São deles espumantes, que não se abstêm de catar novos leitores, como este de Lisboa:

«...deseja tornar-se assinante de «O Gaiato» o meu amigo... Queiram pois passar-lhe a enviar o simpático jornal que

eu leio com agrado e sempre da primeira à última linha».

E o grupo que se dispôs a não recorrer a intermediários?! Que bom!

● ULTRAMAR E ESTRANGEIRO

Quem nos dera espriar-nos pelas terras quentes do nosso Ultramar! Só de Angola é um mar de gente! Passa um numeroso grupo de Luanda, Salazar, Nova Lisboa, Santa Comba, Lobito, Andrada, Gabela, Malanje, Quiculungo, Bulongongo, Dundo, Bela Vista, e um rol de S. P. M.

Da Costa Oriental registamos presenças da Beira e Lourenço Marques.

E, também, gente de Bissau. Finalmente, novos leitores — portugueses — residentes na Alemanha. É tudo.

Júlio Mendes



Um leitor contestatário com o seu «não tenho lido nada no vosso jornal sobre essa Obra que eu achava extraordinária», levou-me a bisbilhotar a caixa da correspondência. Qual o meu espanto ao notar a super-abundância de presenças, porque no silêncio desde o princípio do ano, à espera que algum corajoso as trouxesse a vós. A «pedrada» do nosso amigo lisboeta deu-me coragem para lançar mão a esta tarefa tão confusa.

Antes de iniciar o seu andamento, peço me perdoem algum lapso ou irreverência no estampar das presenças. Sou um ignorante!

Abrem várias listas a confirmar as migalhas que muitos amigos nos deixam no Montepio Geral. Continuem! E 10 dólares dum João Oliveira; mais 200\$ do Luso, Angola; ass. 20369 com 5 dólares. De Leonor, cheque de 10 dólares; mais 1000\$ de Reis, em Inglaterra. Uma Adelaide com 4.500\$. De Lisboa, 100\$, mais 100\$ e Quitéria com 500\$. Ass. 31028 com 100\$ e vários anónimos a lembrarem-nos que os grandes estandartes não têm valor.

Várias vezes 100\$ de Carlos de Lisboa. A capital, continua com 1900\$ de Madalena; 5.000\$ de «prof. amiga das suas alunas»; 50\$ de alguém; mais 1.000\$ de M. Vitória; 60\$ de Anabela; M. L. Lapa com 1.000\$. Alice com 50\$ e Maria com 120\$. Ass. 7683, 250\$; 1.200\$ do 12693. Mais 1.000\$ duma Quitéria. 50\$ de Anabela e «uma Maria» com 1.000\$. 50\$ a um vendedor, também em Lisboa e 150\$ nos Mártires. Outra vez o Carlos com 500\$.

Aqui vem o meu Porto, em cheio. Na frente a empresa do Teatro Rivoli com vários 1.000\$ e 2.000\$. E as sempre fraternas migalhas de «umia portuense qualquer». 40\$ de Emília. 100\$

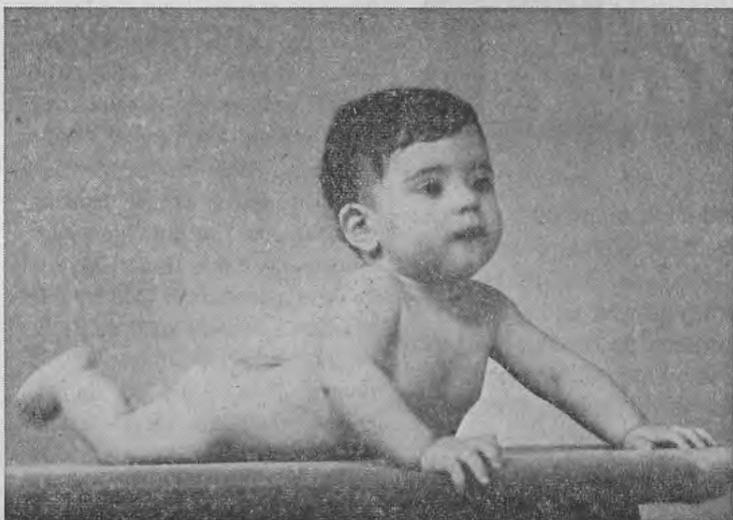
de Raúl. 500\$ de Alzira e 100\$ de Alcino. Várias mensalidades de Ernest Osvald. 1.000\$ por alma de M. Augusto, mais uns tantos 100\$ de Raúl Custódio. Júlia de Paranhos com 100\$. Anónima com 300\$. Uma estudante com 100\$. Os habituais 50\$ mensais do M. R. Ramos. A criada Maria com muitos 20\$ e Isaura e Manuel com 100\$. Vários vales de correio e tantas encomendas a avivar o cortejo. O. E. N. traz-nos 1.000\$ várias vezes. Rua do Cerco, 50\$. Alberto, 100\$ mais outro tanto de Berta e Hernâni. Uma Elvira com 200\$; mais 100\$ de Maria. Rosa com 100\$ por «alma de meus pais»; 400\$ do atelier do Bolhão. «Humilde portuense» sempre presente. «De um doente para os doentes», três notas de Sto. António. De Bragança, a presença amiga da Sra. Serapicos. 100\$ de anónima. 500\$ do Porto «para comprar livros». Vários 20\$ de gente humilde. Maria e António com 300\$. No «Jornal de Notícias», 442\$. Alguém em férias em Barcelos com 50\$. De Maria Ana 500\$, mais 100\$ de Salgado. A «anónima da Rua das Papoilas» vem todos os meses com 50\$. Outros 50\$ do ass. 29065. Roupas de muitos cantos do país. 500\$ do ass. 23326, mais 100\$ de M. Leonor. Empregada da firma Sinde & Monteiro, L.da, legou-nos 11.002\$ à sua morte. Ass. 19109, vários 20\$.

Cont. na QUARTA página

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



A Família cresce



Carlos Fernando, filho da Celeste e do Rufino — que foi da nossa Casa de Paço de Sousa — residentes em Travagem, Ermesinde.

pequenino: «Senhor, qual é o maior no Vosso reino? E Jesus chama uma criança.

Bemaventurados os Pobres, os que choram, os que têm fome, os perseguidos, os limpos de coração, os que recebem a palavra de Deus. Quem acredita?

A sociedade está tão ausente do Evangelho!

Numa oliveira, em frente donde eu escrevo, estão passarinhos a cantar e eu, a olhar para eles, não sei dizer mais nada.

Padre Horácio



Cont. da PRIMEIRA página

Ganhar dinheiro. Viajar. Ter muitas comodidades. Andar em festas. Ter boas relações sociais. Olhar ao dia de amanhã. Garantir o futuro. Poupar a

saúde. Gozar a vida. Não contrariar a vontade. Procurar o que é mais fácil. Adquirir o que rende mais. Ser grande.

Que contraste tremendo entre a palavra do Senhor e a atitude do homem! E a grandeza do homem está em ser

Inserto nas páginas de «Selecções do Readers Digest» li um minucioso apontamento sobre uma das facetas mais profundas da natureza humana — a Integridade. Ela é algo que os homens esquecem com muita facilidade. Sendo, muito embora, ela que nos define como homens autênticos!... Ele há tanta gente que não se define. Caminham sem um rumo certo, sem a mais pequenina noção do que querem ou do que pretendem. A gente nesta ânsia de imitação e à força de contemplar o mundo, embebe-se em tantas e tão variadas nulidades sem nexos, despidas de qualquer consistência. Nós vemos a cada passo o homem espeznhar-se a si próprio, amarfanhando consciência e valores. As virtudes, a honra, a noção do dever, os sentimentos altruístas, a piedade, a justiça, a compreensão e a



SETUBAL

crença num credo válido são definições abstractas e de pouca importância!... O luxo sem tréguas, a ambição desmedida, os prazeres fúteis, o orgulho, a mentira, a inveja e as discórdias... Aqui, sim, tudo realidades concretas e concebíveis para aplicar na prática!...

A Integridade obtém-se por um cultivo gradual e consciente das nossas virtudes e qualidades em cada dia e hora que passam. Ela anda na razão directa do domínio da vontade e da exaltação da consciência sobre cada acto que exercemos, mesmo que ele seja pequenino e insignificante. Ser-se íntegro implica sacrifício, coragem, desprendimento, morrer para o que é cómodo e egoísta, amor à verdade, à justiça e à paz. Os homens vêem nisto uma abstracção. Qualquer coisa que os moralistas dizem mas que é impossível pôr em prática. Daqui as palavras «consciência» e «integridade» andarem tão banidas dos dicionários e serem consideradas como termos confusos. Porquê? É

porque elas andam impregnadas de tudo quanto é difícil fazer. É porque elas envolvem sinceridade quando seria mais fácil fingir. Elas pedem amor à verdade quando nos livrariamos de responsabilidades mentindo. Elas implicam ser-se fiel aos princípios de honra e de dever, às convicções que vemos serem certas, na hora em que granjearíamos amigos e tudo nos correria pelo melhor se fôssemos contrários a essas directrizes. Com o dedo acusador bem espetado na frente, preocupamo-nos em criticar ou apontar defeitos a este e àquele, pondo na prática a lei corrente do «doar a quem doar». Esquecemo-nos, no entanto, de que teimosamente vamos tropeçando nesses defeitos que indicamos aos outros. Todos nos arrastamos por um caminho desimpedido de obstáculos, sem montes escarpados, precipícios íngremes ou veredas sinuosas. O caminho onde impera o comodismo e o mais fácil. Não. Não é este o trilho que conduz ao Homem autêntico!... Esta via

está cheia de precipícios, montes, estradas de terra batida e pejudas de buracos, cuja transposição exige suor e uma luta sem tréguas até à hora do último suspiro. Muito facilmente a gente faz que não sabe isto (...os princípios egoístas de cada um de nós sairiam derrotados!...). É muito melhor fazer como os outros. Não estamos sujeitos a críticas de ninguém. Convém andar metido no rebanho sem dar nas vistas porque quem se destaca é apontado a dedo e obrigado a sustentar sobre os ombros o peso da responsabilidade de se ter afirmado. Como tudo seria diferente se cada um de nós agisse impellido por uma necessidade de ser recto e consciente e não para agradar a quem conosco convive, sobretudo os que nos são superiores. Que mundo teríamos se muitos e muitos homens fossem íntegros! Não haveria tanto rebaixamento dos valores humanos e divinos; tantas idolatrias no culto dos prazeres e banalidades que o mundo apregoa em alta voz;

a evolução técnica-científica visaria somente o bem comum, nunca a destruição, morte e miséria que existe por esse mundo; a publicidade e propaganda andariam de mãos dadas com o que é bom e essencial; os estropiados, a prostituição, o vício, os abandonos, as crianças sem aconchego e sem lar, os maridos e esposas infiéis, os pais e mães inconscientes dos deveres para com os filhos, tudo isto desapareceria praticamente da superfície da Terra. Mas o rumo a seguir é sempre a vida fácil e os homens não se entendem. Vivem escondidos na sua carapaça de egoísmo, feita, como caracóis em dia chuvoso, de olhos vendados para os seus irmãos que se encontram em piores condições, delas mesmo aflitivas.

Integridade!... Uma «espiga» que certos fulanos inventaram para aborrecer os outros ou uma abstracção que os moralistas pregam nos púlpitos das igrejas e em conferências solenes!... Quando é que o «Dicionário da Vida» começa a escrever em linhas direitas esta palavra?!

É esta palavra escaldante que hoje vos deixo aqui. Que todos nós tenhamos «olhos para ver» e «ouvidos para entender», de forma a construir-se um amanhã melhor!...

Rogério

Malanje

Cont. da PRIMEIRA página

Nas nossas festas falei que em Outubro começaríamos uma nova habitação para mais 25 rapazes. Ora em Cambambe um grupo de meninas e senhoras foram pelas portas fora pedir os tijolos para a nova casa... E, num domingo, vieram até nós trazer-nos todos os blocos de cimento precisos para a casa e mais as sobras (5.000\$00). Vai ficar na lembrança de todos nós esta rotagem. Também um amigo das barragens, ao passar pela nossa Aldeia, nos ofereceu as portas e as janelas. A Fábrica da Canâmbua veio com dois mil tijolos. Amigo de Quiculungo com 1500 tijolos. Falta o cimento, as telhas, tintas, tanta coisa...

Podes ainda entrar na nova habitação — para que 25 rapazes a ocupem mais depressa.

Muitos são os amigos que não se têm esquecido de nós. Da Lunda, chegaram roupas e alguns donativos. Da Gabela, de Salazar, de Luanda. Nas ruas de Malanje uma senhora com 500; família amiga com mil; Sr. gerente de um banco, 1500 e roupas em bom estado. Mais de Luanda, «ai vão 250, importância que eu teria de dar num beberete — mas por dever de consciência não assisto». De Maria Joana e J. Mateus, 500. Família amiga, 300 para o azeite do SS.mo e mil para os seus rapazes. Uma anónima, 320; outro 250; senhor professor da escola, 500; à senhora que por um vendedor do jornal mandou 1500, que o Senhor a ajude. Dum admirador da Obra: 1 cama, um cobertor, 1 lençol. Família Lucas Martins, mil; família Cheixo, 500\$00.

E tantos outros...
Que Deus nos ajude.

Padre Telmo



Cont. da TERCEIRA página

Com receio de melindrar os menos simples, abstenho-me de transcrever legendas admiravelmente belas que nos ensinam a viver em paz com os irmãos, rejeitando o catolicismo de «amar a Deus e esmurrar o próximo», tão em voga nos nossos dias. Ele falta-lhes a simplicidade e discreção dos que amam no silêncio, vivendo os problemas dos outros. Continuemos!

Conimbricense com 100\$. Alguém com 200\$ para os doentes da casa «Ouvi-me Senhor». Mais 150\$ e 200\$ de M. Glória; 100\$ de «mãe amargurada»; 500\$ do ass. 3521; 100\$ de mãe assinante; 1.000\$ de alguém «com pedido de oração pelo papá»; vários 100\$ mais 600\$ e roupas de M. Júlia. Pecadora com 100\$; do ass. 16264, 170\$; 1.000\$ mais 500\$ de Melgaço pelo ass. 7787; 200\$ pedindo orações por alma de uma pobre; 5.000\$ de Kendall; de Maфра veio Princepelina com 100\$; uma amiga Isabel com 100\$. Uma Conferência Vicentina de

Guimarães com 200\$ e Rosa com 600\$ pedindo a celebração de 12 missas. 500\$ de «simples Maria como há muitas»; 2.500\$ «por alma de Natália»; 20.000\$ de Aurea; 40\$ com pedido de Silêncio; 50\$00 de Luísa; 500\$ de «portuense Maria». 100\$ de António; 200\$ de Rio-Tintense; 100\$ mais 100\$ de M. José; mais 550\$ de Rio Tinto do ass. 2984. As presenças mensais de nossa amiga Antonieta. Mais 300\$ de Etelvina; 50\$ duma Manuela de Almada; migalhas do apaixonado de Ovar; 20\$ do ass. 17022; 500\$00 de Alfredo de Braga; «viúva e pobre» com 50\$00; 100\$ «para os doentinhos»; 500\$ de M. Alice; 50\$ do ass. 23547; 50\$ nos «11 anos do neto»; 200\$ de pobre doente de Alcobaça; 50\$ «para pobre do Calvário»; 400\$00 da viúva «que sabe o que é sofrer»; 100\$ de M. Amélia; 50\$00 de «Zé Ninguém»; 50\$ de quem pede a desculpem pelo incómodo; 500\$ do ass. 13781; 80\$ do ass. 3939 e 20\$ do ass. 17022 e mais 150\$ do ass. 15395. L. S. C. com 100\$. 500\$ de Augusto, de S.

Mamede, 2.000\$ de quem pede licença para ofertar; mais 500\$ de M. Argentina. De Alto de Vila, 300\$; mais 50\$ de «duas Leirienses». «Uma irmã em Cristo» com 100\$00 e 150\$ no nosso Lar por mão de D. I. Nunes. Alguém «em sufrágio da alma de pessoa querida», com 1.000\$00. Mais 120\$00 de «duas amigas da Pasteleira»; 100\$00 «por alma de queridos mortos»; 100\$ de A. Mendes; 100\$ de «uma amiga Isabel»; 4.400\$00 da Carolina do Luso; 500\$00 de Sara Irene; 20\$ de «pobre pecadora»; 500\$00 de Matilde e Anibal; 200\$ de Francelina; 100\$ de Júlia; 600\$00 doutra Júlia; 1.000\$00 de M. Durães; 300\$ da Casa de Lagoas; 1.000\$ de Sobrosa; 60\$

de «um assinante do «Famoso»; 50\$00 de amiga de Mealhada; 200\$ do ass. 10265; 150\$ de M. Manuela de Alhandra; 100\$00 «para os velhinhos»; 200\$ de Espinho; 200\$ de Cisa, da Beira Alta; 100\$00 de «um filho de Aida»; 100\$ «com pedido de um Pai Nosso»; 70\$ «por alma de António»; 1.000\$ «para socorrer necessidades» e 600\$ de quem as adivinha. Vários 100\$ de M. Fernanda, de Coimbra e a presença amiga da Fátima de Mem-Martins.

E acabou. Os que não virem aqui suas lembranças, recordem as palavras do Evangelho: — «dar com a direita sem que a esquerda o saiba»...

Bem hajam!

Manuel António

NO PRELO

VIAGENS

D. Amén. 5!

BRASIL AÇORES ÁFRICA MADEIRA

«Um livro de viagens... é uma viagem. Não vai apenas o seu autor; vão também os leitores».

2.^a edição — reordenada e aumentada



EDITORIAL DA CASA DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA